

João Morgado

O LIVRO DO IMPÉRIO

CLUB
DE
AUT
OR

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.
Reprodução proibida por todos e quaisquer meios.

Por vontade expressa do autor, a presente edição não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

© 2018, João Morgado
Direitos para esta edição:
Clube do Autor, S. A.
Avenida António Augusto de Aguiar, 108 - 6.º
1050-019 Lisboa, Portugal
Tel.: 21 414 93 00 / Fax: 21 414 17 21
info@clubedoautor.pt

Título: *O Livro do Império*
Autor: João Morgado
Consultor histórico: F. Delfim Santos
Revisão: Henrique Tavares e Castro
Paginação: Maria João Gomes,
em caracteres Revival
Impressão: Caflesa – Soluções Gráficas, Lda. (Portugal)

ISBN: 978-989-724-451-3
Depósito legal: 446760/18
1.ª edição: Outubro, 2018

www.clubedoautor.pt

Dedicado a meu pai,
eterno poeta

Séc. XVI — Após tempos gloriosos, Portugal era senhor de um Império, mas tinha os cofres reais vazios. O jovem rei, Dom Sebastião, vivia para a caça, para os sonhos de glória e deixava que uma nobreza corrupta e sem valores medrasse pelo reino de aquém e além-mar. A Inquisição impunha o obscurantismo e o medo, prendia e matava as mentes mais iluminadas, mas também se deixava minar pelos jesuítas afectos a Espanha. À espera da hora certa, do outro lado da fronteira espreitava-se a fragilidade dos lusos.

Mas eis que um *trotamundos* sem eira nem beira, apesar de uma vida de prisões e putarias, teve por si as musas da poesia épica. Ao cantar uma estirpe de homens que se igualara aos deuses, por contraste compunha também um libelo acusatório contra a depravação que se vivia na sua época. Como foi possível que el-rei e o Santo Ofício tenham deixado publicar esta obra?

Prólogo

— A imprensa foi uma criação do demo. Agora todos se arrogam o poder de copiar e propagar a sua palavra. Cada vesano, cada poeta, cada infiel! É um ameaço à ordem d'el-rei e da Santa Madre Igreja!

— Lutero verteu a Bíblia do latim para o linguajar do povo. Espalhou os Evangelhos impressos como se a Palavra de Deus pudesse ser entendível por qualquer mercador ou guardador de porcos. Tyndale também ousou verter a Palavra Sagrada para inglês. E se cada homem lesse um Deus dissemelhante de todos os outros homens?

— Pior ainda, são os que querem matar Deus com a ciência, arrogando que o saber da laboração do mundo tudo explica. Se formos indulgentes com este enxurro de ideias pérfidas e inféis, será o fim da Igreja. Inspirado por Deus, bem andou o Papa Paulo IV, ao promulgar o *Index Librorum Prohibitorum* — a relação de livros proibidos. É preciso tolher o pérfido pensar de gentalha como Maquiavel, Miguel Servet, Étienne Dolet, Bernardino Telésio, Erasmo de Roterdão...

— Por nós, temos também hereges iluminados. Garcia de Orta escreveu um livro sobre as drogas da Ásia, abriu cadáveres para lhes ver os adentros, uma vilania. Já morreu, o imundo. Mas a Inquisição de Goa mandou arrestar sua irmã, que foi queimada viva num auto-de-fé. Tinha tanto de judia como de bruxa. Ainda assim, entendo que é pouco. Os ossos dele também deveriam arder nas chamas da purificação.

— Também Fernão de Pina, guarda-mor da Torre do Tombo e cronista-mor do reino, foi julgado por nutrir crenças e dizer palavras outras, muitas suspeitas na fé e escandalosas. Damião de Góis, que o substituiu, foi preso também, que aquela sua amizade com Erasmo era ferida escabrosa para a fé cristã.

— E agora temos este *trotamundos*. Um valdevinos que se julga um épico qual Homero, ungido pelas musas, o predilecto de Calíope, resolvido a poetar os pecados, a judiciar os reis, a delatar o corrompimento do reino. É preciso travar este homem. Suas palavras são fogo!...

— Sim. Seria um escarcéu por todo o reino e até nas Índias. Um livro apoucando o rei e insidiando os preceitos da Igreja daria voz aos revoltosos. É forçoso impedir tal iniquidade. É preciso devastar a oficina, queimar o papel, vaziar as tintas, rasgar-lhe os sonhos. Aquele livro não pode sair às ruas. Ainda somos nós que regemos Portugal, ou não?

PARTE I

Regresso a Lisboa



O resgate de uma alma perdida

Ilha de Moçambique, Novembro de 1569

A fortaleza de São Sebastião destacava-se no horizonte. Pouco mais tinha ainda que uns paredões virados para o mar. O clima quente abafava de morte todos os pedreiros que para ali vinham das praças portuguesas das Índias. A alvenaria não era ainda mester de escravo negro, pois exigia um próprio saber e experimentação, e os brancos não se davam com aquele calor húmido que sufocava. Assim, andavam as obras paradas por falta de mestres sabedores. Mas dava já um ar de respeito, quando os barcos se aproximavam. Meia dúzia de canhões nas ameias afigurava um porto seguro. Para a fortaleza medrar, era necessário ressalvar todo o terreal em volta, pelo que o vice-rei¹ tinha proibido toda e qualquer edificação em pedra. Restava, pois, um aldeamento pobre, sem condições, para as muitas gentes que por ali aportavam nas idas e vindas das Índias.

Mas, mais ao longe, não muito longe, avistava-se um albergue à beira-mar. Por fora cheirava a madeira e maresia. Por dentro, a tudo — uma amálgama de odores cruzados na quentura da noite que acompanhava a gente desigual que estava de viagem e ali se caldeava no ir e vir. Entrecruzavam-se os cheiros. Os peixes grelhados e as carnes apimentadas, assanhadas de sabor, com o cheiro a vinho rançoso, o vinho bebido, por beber, vomitado, o cheiro do rum, da sidra, da aguardente, e outros tantos de que é bom nem falar.

¹ D. Constantino de Bragança.

O átrio era de areia fina da ribamar. Subiam-se umas escadas de madeira, atravessava-se um alpendre que rangia sob o peso dos que chegavam, alertando um gigante negro que à porta mirava as pessoas de alto a baixo, mexendo apenas os olhos. Não bulia um músculo — e tinha muitos. Mirava apenas. Sentia-se a retina negra a revirar no recanto branco dos olhos. Todo o rosto permanecia imóvel, escuro como a noite.

O jovem Restelo andava pelos vinte e cinco anos, arrastava o seu próprio cheiro e a gaita-de-foles de pele de cabrito que sempre o acompanhava. Mais que isso, apenas uma bolsa de couro com umas moedas. Passou na revisão ocular do gigante e entrou na estalagem. Tinham acabado de aportar à ilha duas naus, a *Chagas* e a *Santa Clara*, a bordo da qual regressava das Índias, e onde a comida era deplorável. Tinha fome e almejava um bom naco de carne, não muito caro. Quando poisou pé em terra, correria do porto para ali, antes que outros esfomeados como ele ocupassem tudo.

A entrada era uma espécie de varandim, o salão escavado e fundo, talvez para se tornar mais fresco, que durante o dia o sol queimava. Desceu umas escadas em madeira, escolheu uma mesa vaga, poisou a gaita-de-foles e sentou-se. Começou a distinguir todos os cheiros que lhe acometiam o nariz. Uns mostravam-se agradáveis — sobretudo, os que anunciavam comida —, outros nem tanto. Pediu um jarro de vinho com canela e carne. Serviram-lhe galinha assada, a carne menos custosa, com um empapado de mandioca e folhas de cacana. Comeu a gosto. Melhor ainda lhe soube o vinho fresco. O ambiente era foscado, apenas umas tochas aqui e ali, umas velas sobre as mesas. Havia outros viajantes como ele a chegar, a casa começava a ficar cheia. Os clientes riam a bom rir, atestados que estavam no bucho e bem regados de vinho. As mulheres oferecidas também animavam as mesas. Cada qual com o seu odor de fêmea, a sua textura de pele — branca, negra, mulata. O jovem reparou então que, num dos cantos do salão, um poeta tentava elevar a voz para se fazer ouvir.

O homem andaria perto dos cinquenta anos, ou talvez aparentasse ser mais velho do que era. Porte altivo, embora andrajoso, magro como um asceta das Índias; meio desgrenhado, cabelos de um ruivo

sujo, grisalho já; pele morena, nariz comprido, levantado no meio e grosso, proeminente num rosto encovado, marcado pela ossatura, com o olho direito rasgado que o afeava ainda mais. Segurava umas folhas entre mãos e lia a sua obra. Tomou-se de atenção.

*... Mas um velho, d'aspeito venerando,
Que ficava nas praias, entre a gente,
Postos em nós os olhos, meneando
Três vezes a cabeça, descontente,
A voz pesada um pouco alevantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
Cum saber só d'experiências feito
Tais palavras tirou do experto peito.*

*Ó glória de mandar, ó vã cobiça
Desta vaidade, a quem chamamos Fama,
Ó fraudulento gosto, que se atiça
C'ũa aura popular, que honra se chama:
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama,
Que mortes, que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas!...¹*

Restelo julgou reconhecer aquela história — avivaram-se-lhe memórias de família. Um seu antepassado tinha sido preso pelos soldados d'el-rei e levado para o calaboiço por estar contra a expansão do reino e contra a partida de Vasco da Gama, que ia dar corpo aos sonhos de D. Manuel I no outro lado do mundo. A bordo ia o seu filho único, que por lá ficou como tantos, perdido no mar, deixando-o sem amparo na velhice.

E o poeta prosseguia:

*... A que novos desastres determinas
De levar estes reinos e esta gente?
Que perigos, que mortes lhe destinas,*

*Debaixo dalgum nome preminente?
Que promessas de reinos, e de minas
D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás, que histórias?
Que triunfos, que palmas, que vitórias?...²*

Como reprimenda, o velho gaiteiro esteve um mês espojado na palha húmida de um cárcere, praticamente a pão e água, que aquilo não era casa de gente, muito menos de alimento.

Tantas vezes é o bucho que define o destino de um homem. Porque viver sem comer não podia, quis a ironia do destino que, dois anos mais tarde, para ganhar o sustento, fosse o velho trabalhar para el-rei. Para pelejar não servia, que o arcaboço estava desusado e alquebrado pelos anos, mas tinha a sua arte na ponta dos dedos — era um gaiteiro reconhecido. Tinha por missão acompanhar os homens armados que iam pelos adentros do reino à cata de embarcações. Gente que pela afamada ilusão da glória se ousava no mar bravio e tantas vezes por lá ficava. Dois em cada três serviam de vianda aos peixes, como acontecera com o seu único filho, embarcado nas naus do Gama e sem retorno.

Eram tantos os que morriam ou os que ficavam nas terras do longe que o reino estava carente de homens. Lisboa estava à minguá de varões com braço rijo. Todos os dias saíam barcos com homens para batalhar nas praças belicosas do Norte de África, para povoar as terras dominadas naquele continente de negros, e também nas ilhas da Madeira e dos Açores. E após Vasco da Gama ter gizado o caminho marítimo para as Índias, el-rei estava entusiasmado e preparava-se para enviar a maior e mais lustrosa armada que alguma vez tinha saído do reino. Treze barcos ao todo. Assim que era precisa mais gente, muita e variada gente. Eram precisos marinheiros, militares, religiosos, feitores, escrivães, mas também artífices, como ferreiros, cordoeiros, calafates, tanoeiros, cozinheiros, grumetes. Ao todo, cerca de 1.500 homens. A contragosto, o velho do Restelo seguiu então com os militares e outros gaiteiros, terras adentro, calcorreando aldeias e vilas para catar novas gentes para

a grande quimera do mar e das riquezas do Oriente. Chegaram lá longe, às terras do próprio Cabral, Belmonte, e às terras dos panos finos, Covilhã. O propósito era simples — tocavam modinhas populares para atrair a população daquelas terras, depois montavam uma banca com moedas, que era isco doirado para gente que tinha a barriga colada às costas. Os garotos eram comprados como no mercado dos chibos — duas moedas pequenas e lá ia o garotinho para o redil d’el-rei, seriam grumetes à força, escravos da tripulação, braços para as piores labutas, corpo para lascivos desejos. Os adultos já careciam de ajuste, um valor adequado para dois anos de trabalho no mar, consoante o valor das suas artes. Mas o escrivão real tinha sempre um argumento de monta. Da paga acordada, metade ficava desde logo nas mãos das famílias que cedessem o varão. Fazer contas com fome aligeirava as dúvidas e muitos partiam em nome das moedas que ficavam na bolsa da parentela, em nome das moedas a receber aquando da torna viagem, e em nome da promessa de um Oriente doirado que a todos daria fortuna. Mas era preciso um fiador, alguém que seria preso ou mesmo morto, caso o homem ajustado debandasse sem cumprir o acordo de embarcar. Aconteceu que um pastor, flautista, rapaz de vigor e olho aberto, negociou o seu próprio engajamento. Sendo órfão, receberia já a metade que lhe cabia, que outras gentes não tinha, estava por si. Mas no seu desamparo, quem lhe seria fiador? Ninguém. Então o velho gaiteiro, apiedando-se do jovem e julgando ver nos seus olhos o olhar do filho desaparecido no mar, aceitou ser abonador da sua pessoa. Esse pastor perfilhado na carência afectiva do velho acabou por tornar-se um gaiteiro de excelência. Seguiu na frota de Cabral, a bordo de uma nau d’el-rei capitaneada pelo grande Diogo Dias, homem justo e gracioso. Juntamente com ele, foi dos primeiros a colocar pé em terras de Vera Cruz, e porque ninguém se entendia de falas, ele tocou a gaita-de-foles e o capitão bailou com os nativos nus e coloridos. Foi a melhor arma de conquista. Esse primeiro gaiteiro do novo mundo era o avô do jovem Restelo que agora regressava das Índias.

*... Deixas criar às portas o inimigo
Por ires buscar outro de tão longe,
Por quem se despovoe o reino antigo
Se enfraqueça e se vá deitando a longe:
Buscas o incerto e incógnito perigo
Porque a Fama te exalte e te lisonje,
Chamando-te senhor com larga cópia
Da Índia, Pérsia, Arábia e de Etiópia...³*

Restelo olhou o homem e fez-lhe sinal de longe, convidando-o para a sua mesa. Este aceitou de pronto. A leitura de poesia tinha esse mesmo fito, arrecadar uns dinheiros ou cativar um gentil-homem que lhe pagasse uma refeição decente. O jovem abriu a bolsa, mandou vir mais uma galinhola assada e vinho. Depois perguntou-lhe quem era e o que fazia ali, que os predicados daquela poética avisavam ser ele um homem douto. Ainda que, olhando-o de alto a baixo, dava mais ares de indigente que de letrado. Ele baixou os olhos e respondeu: “Sou um poeta de Lisboa perdido pelo mundo, vítima que fui de amores candentes e de desmedidos erros por moto próprio. O meu nome é Luiz Vaz de Camões.”

O jovem sobressaltou-se. Conhecia-lhe o nome, sabia-lhe a fama de brigão, soldado esconjurado pela sorte, desterrado. Prezado por uns, abominado por tantos. Mas sobretudo uma pena abençoada pelas musas, o que a tantos causava inveja. Sabia de cor alguns dos seus versos que corriam pelos cancioneiros. E recitou:

*... Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assi negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida...*

O poeta levantou os olhos e findou:

*... Começa de servir outros set'anos,
Dizendo: — Mais servira, se não fora
Pera tão longo amor tão curta a vida.⁴*

Não esboçou um sorriso sequer. “Uma cousa simples”, murmurou num encolher de ombros. E, agarrando-se à comida, esqueceu o mundo. Tinha cem anos de fome, outros tantos de sede.

O jovem Restelo olhava para o poeta — comia desalmado. Não ousava interromper tão ávido prazer, nem sequer com palavras. Era claro sinal das suas minguas, das suas precisões. Um serviçal negro veio perguntar se queriam mais alguma coisa. Já que tinha a bolsa aberta e perdido o tino das economias, pediu um doce de amendoim para ele, e mandou reforçar o jarro de vinho de Camões — previa uma noite longa. Por ele, queria saber novas do homem que em tão triste estado encontrava.

“Sois músico?”, perguntou. Restelo disse que não. “Soldado e gaieteiro apenas”, e encheu-lhe de novo o vaso de vinho. “Ides a caminho do reino?” Respondeu-lhe que sim. Tinha estado ao serviço de D. Luiz de Ataíde, em Peniche, onde se construía uma fortaleza e dava luta à pirataria e ao corso francês. Integrara a sua guarda pessoal aquando da nomeação para vice-rei das Índias, em Março de 1568. Regressava agora, após uma comissão de serviço com um pouco mais de um ano. “E vós que fazeis aqui nesta ilha, perdido e em precisão?” O poeta bebeu e teve um esgar triste a anteceder a resposta. “É meu fado ser cativo. Que maldito foi o dia que nasci e todos os que se seguiram...”

O albergue perto do cais atraía todos os que chegavam de barco como um farol na escuridão. Era uma multidude intrincada, que juntava desiguais credos e raças, diferentes formas de vestir e falar. Era um local de passagem, terra de quem ia e de quem vinha para diferentes lugares. Poucos seriam dali mesmo. Enraizados, talvez só os negros mesmo negros, os matulões de narizes ossudos. Os restantes tinham feições perdidas do mundo, uns arraçados de árabe, outros malabares, uns quantos de ar europeu. Acrescentavam-se cheiros e os ruídos. Ali tudo cabia. Restelo estava sentado com o poeta num recanto com alguma privacidade. A luz quebrada permitia uma penumbra intimista, quase de confessorário. Camões narrou então a sua vida, como quem conta cicatrizes de uma guerra constante — era seu fado ter uma lâmina na pele, tal a desdita do destino. Agradecido pela barriga cheia e com a garganta desempoeirada pelo vinho, lá foi

desnudando as misérias de uma vida — um longo carreiro de erros seus e má fortuna.

Segundo ele, as suas origens tinham raiz no reino da Galiza. Recuando a 1370, um barbirruivo galego, Vasco Pires de Camões de seu nome, terá estado ao serviço d’el-rei D. Fernando de Portugal, na sua luta pelo trono de Castela. Apesar de gorado o intento, o soberano gratificou os seus, e o galego alcançou a mercê de alcaide-mor de Alenquer, Portalegre e Estremoz. Acontece que o fidalgo “tinha tanto de bravo como de trovador, pelo que se perdia de esperanças”, e tinha o dom de sempre tomar parte do lado errado. Após a morte de D. Fernando, não tendo el-rei filho herdeiro, o reino de Portugal viveu um *interregno* de poder, que motivou um tempo negro de lutas entre muros. Olhando para tal desgoverno, Castela entendeu ser o momento oportuno para se apropriar de Portugal. Vasco Camões tomou o lado aparentemente mais forte, a facção senhorial, próxima de Castela, que enfrentou o Mestre de Avis. Acontece que o seu grande exército foi derrotado na afamada batalha de Aljubarrota e o fidalgo feito prisioneiro. “É verdade que dei causa a que a fortuna sempre me castigasse, mas estou em crer que tamanha desdita empeçonha o sangue de uma linhagem. Já vem de longe”, comenta ele, resignado.

A troco de moedas, chega mais vinho, uns frutos secos, uma escudela com uma pasta de feijão-soroco, arroz e coco. Camões come com avidez enquanto fala dessa família distante de que pouco sabe. Relembra quando muito o seu avô, Antão Vaz de Camões, que andou também de espada em riste pelo Oriente, servindo nas armadas do Mar Roxoⁱ. Casara com D. Guiomar, prima de Vasco da Gama, o grande almirante das Índias. Deste enlace nasceram dois filhos, um dado ao sacerdócio, e outro, Simão Vaz de Camões, que serviu na Marinha Real, fez comércio na Guiné e nas Índias. Casou este com Dona Ana de Sá e Macedo, de família fidalga, oriunda de Santarém.

“E seu único filho é este que aqui esmola perante vós um pouco de comida. Senhor apenas de uma pobreza aborrecida, derribado da esperança e degradado em hospícios alheios onde resisto, apenas

ⁱ Actual Mar Vermelho (o termo “roxo”, em português clássico, designava a cor vermelha).

resisto, que viver não pode ser tão-somente isto.” Com as pontas dos dedos, apanhou um pouco da pasta na escudela — *mucapata*, disse ele — e comeu. Depois bebeu mais um trago de vinho doce para limpar a boca, passou as mãos pelas barbas e recostou-se contra a parede de adobe — terra barrenta, misturada com palha e madeiras. E continuou, lamuriando por entre dentes: “*O dia em que eu nasci moura e pereça, que não torne outro assim a este mundo. E, se tornar, que a luz lhe falte, para que nem a mãe o próprio filho conheça...*”

Restelo mostrava-se inquisidor. Senhor de mil perguntas. Mas o vate não mostrava contentamento nas respostas, por assentir que “vida como a sua, mais desafortunada jamais se vira”. E nada de bom tendo para contar, melhor seria poupar palavras. E se o jovem lhe dava palavras de alento, promessas de boas venturas, logo ele respondia acabrunhado: “Obrigado sejais pelo vosso intento, mas as magoadas iras me ensinaram a não querer já nunca ser contente.”

Mais vinho, mais abocamento e lá iam saindo palavras poucas, mas resguardos perdidos. Talvez houvesse razão no seu desânimo.

Nascera¹ numa ruela da Mouraria⁵, em Lisboa. A mãe ficara espavorida num tremor de terra que tudo sacudira e esparramara casas velhas pelo chão — um espirro dos deuses que assustara a capital e cavara muitos mortos. Viera ao mundo no meio dos escombros, no início da noite, ajudado por uma **mulher de negro** malcheirosa que por ali passava. Acreditava que isso marcara o seu destino. “Morrerei nos escombros”, vaticinou. Toda aquela destruição e mortandade pelas ruas de Lisboa atraía maus fluidos — passado uns tempos a peste negra estendeu o manto sobre a capital do reino. Tal como o rei, a família agarra nos pertences e segue para as margens do Mondego, procurando a protecção de Frei Bento Camões, irmão de seu pai, prior no mosteiro de Santa Cruz e chanceler da Universidade de Coimbra. Foi pela mão deste que se encontraria mais tarde com Platão, Homero, Ovídio, Petrarca, Vergílio, uma constelação de nomes que ele gravou na sua memória portentosa.

“*Lembranças, que lembrais meu bem passado, para que sintam mais o mal presente...*”, confessa o poeta em tom sofrido.

¹ Talvez a 23 de Janeiro de 1524.

A vida não corre de feição a Simão Vaz de Camões. Vive à míngua, deixando a sua família pendente da caridade do irmão. Decide então tratar de vida. Empolgado com o cheiro da pimenta, larga amarras e zarpa para as Índias. Frei Bento assume-se como protector de seu sobrinho, que coloca ao serviço dos senhores de Noronha. Ao mesmo tempo, trata de lhe abrir as portas do colégio do mosteiro de Santa Cruz⁶, nutrindo uma inconfessada esperança de que o jovem Luiz Vaz assumisse votos de castidade e entrega a Deus. Porém, nada disso aconteceu. Antes pelo contrário. O medrar do seu pupilo devastou o propósito do velho homem, já que este se mostrava mais dado à poesia amorosa e a temerários enamoramentos. Dizia-se que andava de amores com sua ama, a jovem senhora de Noronha. Por muito que o tentasse chamar à razão, a verdade é que, mais que rezas em altares, o jovem se perdia em trovas amorosas. Quando seu tio desesperava já, Camões oferece-lhe uma elegia à paixão de Cristo e ruma a Lisboa.

Em 1544, no apogeu dos seus vinte anos, segue como homem de armas de D. Francisco de Noronha, 2.º conde de Linhares, para a capital do reino e consegue, pelas suas artes de bem poetar, convites para o Palácio de Santos, onde funcionava a corte da infanta D. Maria⁷, irmã d'el-rei D. João III⁸. Andaram as almas femininas alvoraçadas, suspirando pelas suas palavras, a sua verve galanteadora, pelo encanto da barba e dos cabelos afoqueados, do seu olhar que espelhava tentações. Aí conheceu outros poetas, como João Lopes Leitão e Jorge da Silva, de quem se fez parceiro de letras e desvarios. Mas conheceu também os consagrados Jerónimo Corte-Real e Pêro de Andrade Caminha, que desde a primeira hora morderam os lábios de inveja pelo seu poetar. Quando as damas da corte o elegeram como preferido, logo estes lhe juraram perseguição de morte. Camões tornou-se presença obrigatória nos paços reais, quer em Lisboa, quer em Sintra, compondo e recitando versos na “medida velha” — rondilhas —, e na “medida nova” — sonetos, odes, canções.

A infanta mostrou-lhe casto afecto, rendida que estava aos seus predicados. Entendia ser o vate mais lustroso que conhecia. Passou a

tê-lo como especial convidado nos seus saraus literários, no Paço de Santa Clara. Fazia questão de instigar a sua obra, de amparar o seu talento e de olvidar alguns erros seus em prol do muito que daria às letras quando, mais maduro, lhe sossegassem os furores da carne.

Eram habituais os duelos poéticos por aqueles tempos, como forma de alegrar os serões. “Falai-me de amor”, pedia a infanta. E logo Pêro de Andrade Caminha se chegava à frente, olhando as damas com fervor, inflamando as palavras:

*De Amor escrevo, de Amor falo e canto;
E se minha voz fosse igual ao que amo,
Esperara eu sentir na que em vão chamo
Piedade, e na gente dor e espanto.*

*Mas não há pena, ou língua, ou voz, ou canto
Que mostre o amor por que eu tudo desamo,
Nem o vivo fogo em que me sempre inflamo,
Nem de meus olhos o contínuo pranto...⁹*

Mas depois todos os olhos se viravam para Camões, aguardando com ansiedade, esperando a sua inigualável resposta poética. Ele, que tinha um linguajar fresco e vivaz, que rasgava sem medo os cânones poéticos daquele tempo, bebia em Petrarca e superava-se num cantar novo, muito seu.

*Amor é um fogo que arde sem se ver,
É ferida que dói e não se sente,
É um contentamento descontente,
É dor que desatina sem doer.*

*É um não querer mais que bem querer,
É um andar solitário entre a gente...¹⁰*

Os sorrisos das damas e os aplausos entusiastas marcavam o seu brilho nos salões. E levou ele para os salões um outro desafio.